

## RESENHA DE *ESCRITORES, CRÍTICOS E LEITORES FORA DO LUGAR*

Erick da Silva Bernardes<sup>1</sup>

HELENA, Lucia; OLIVEIRA, Paulo César S. (Orgs.) **Escritores, críticos e leitores fora do lugar: contemporâneos na cena da globalização**. Rio de Janeiro: Caetés, 2016, 144 p.

O livro **Escritores, críticos e leitores fora do lugar: contemporâneos na cena da globalização** (2016), organizado pelos professores doutores Lucia Helena e Paulo César S. de Oliveira, reúne reflexões sobre empobrecimento do debate intelectual na contemporaneidade. O volume volta-se para a literatura e os impasses decorrentes do desprestígio do pensamento crítico no aqui e agora da modernidade compreendida como líquida.

Ao abrir a coletânea, Maria da Glória Bordini examina a macroestrutura de economia e mercado e seus efeitos sobre a literatura no Brasil. Em sua crítica Bordini aponta a atual tendência das pessoas em assumir um comportamento sócio-cultural uniformizante enquanto leitores: “Os leitores-consumidores, diante da torrente de ofertas com que se deparam nas prateleiras, entre obras originais e traduções, iludem-se com um espetáculo de variedade e pletora como se a repetição de padrões não orientasse suas escolhas” (BORDINI, 2016, p. 22). No artigo “A circulação da mercadoria literária em tempos de globalização”, a professora rio-grandense observa no panorama literário brasileiro a estratégia de disponibilizar ao público leitor formas literárias “sintonizadas com as formas que veiculam novos comportamentos da sociedade globalizada” (BORDINI, 2016, p. 29), mas também procuram “traduzir” a multiplicidade de cenários e elementos que configuram cena cultural brasileira hodierna.

Na sequência do debate, com o artigo “A aldeia global do escritor pobre”, a pesquisadora e professora Lucia Helena investiga a situação do intelectual escritor em tempos de globalização, por meio da comparação da escrita do sul-africano John Maxwell. Coetzee, mais especificamente com a obra **Elizabeth Costello**, e do brasileiro João Gilberto Noll, com o romance **Berkeley em Bellagio**. Essa transição entre os séculos XX e XXI no tempo de ação das respectivas narrativas não é ocasional, seus enredos apresentam um ponto de vista menos voltado para a valorização da escritura, ou “economia da escrita”, e mais para o “panorama econômico e político do capitalismo mundial” (HELENA, 2016, p. 33). Ao chamar-nos à atenção para o caráter ambíguo que o termo globalização evoca, Helena, embora deixe claro que a realidade social é uma construção sócio-cultural muitíssimo complexa, impossível de ser tratada como um objeto fisicamente apercebido, a pesquisadora aponta semelhanças (não fortuitas) entre os personagens nas obras de Coetzee e Noll e a realidade que os cerca, não obstante seus trabalhos concorrem para o mesmo universo temático.

A partir do cotidiano acadêmico visto como matéria literária em obras típicas do que se convencionou chamar *campi novels*, Paulo César de Oliveira traz à contribuição o texto “A gloriosa tradição em crise: leituras comparadas de Ricardo Piglia e Rubens Figueiredo”. Ao propor um paralelismo teórico com o romance **O caminho de Ida** (2014) e com o longo conto “A última palavra”, integrante do livro **Contos de Pedro** (2006), de Piglia e de Figueiredo, respectivamente, o ensaísta ressalta a temática com base no ambiente acadêmico. No caso da primeira narrativa, **O caminho de Ida**, somos apresentados ao narrador-personagem argentino Emílio Renzi em reencontro com a professora Ida Brown, na renomada universidade estadunidense Taylor University. A história toma contornos enigmáticos desde o início com a frase da professora Brown: “Bem-vindo ao cemitério

<sup>1</sup> Discente do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), da FFP-UERJ. E também é aluno do curso de Especialização em Estudos Literários da mesma instituição.

aonde vêm morrer os escritores” (PIGLIA *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 45), dando mostras do viés obscuro que reveste a trama. Já no conto “A última palavra”, do livro de Rubens Figueiredo, **Contos de Pedro** (2006), Oliveira aponta peculiaridades que nos põem em contato com a autoficção, pois, ao recriar o mundo do texto, a partir do não-texto, Figueiredo nos leva a refletir sobre o “duplo papel no sistema de crenças e valores que organizam o corpo social” (OLIVEIRA, 2016, p. 57). São reflexões que revelam sintomatologias mais que evidentes destes tempos de globalização, a saber, a crise das tradições acadêmicas, o desprestígio do intelectual e do pensamento crítico na contemporaneidade.

O professor Deneval de Azevedo Filho, em seu artigo “Bundo vasto Bundo: mercado, ideias e, afinal, o que é uma poesia?”, nos proporciona uma análise sobremaneira refrigerante sobre a poética do escritor capixaba Waldo Motta. Conforme aponta Deneval Filho, a fama do poeta espírito-santense esteve e está em desproporção com escritores que de fato foram e são compreendidos como marginais, porque Motta destoa da temática política dos escritores referidos como marginais dos anos 70, por exemplo, Álvaro Alvim, Chacal, Leila Mícolis, dentre outros. Quanto à forma, suas obras apresentavam disparidades a olhos vistos, “com o aproveitamento do espaço imagístico, do diálogo com textos canônicos, sendo sua poesia anticanônica por excelência, e nos jogos anagrâmicos da cabala” (AZEVEDO FILHO, 2016, p. 61). Com uma análise panorâmica desde o começo das produções de Waldo Motta até o livro de **Bundo e outros poemas** (1996), Azevedo Filho aponta um notável duplo sentido que o viés escatológico evoca: por um lado, voltado para excrementos fisiológicos e, por outro, associado ao léxico religioso ou transcendente, no que tange ao destino final do homem no universo, fazendo jus ao sentido etimológico de escatológico. Esse intelectual fora do cânone divergiria dos poetas malditos de 70, dando mostra de ser um “marginal ao quadrado” (AZEVEDO FILHO, 2016, p. 60).

Alargando nossa percepção teórica, o artigo da professora Virgínia Aparecida Ramos Filgueiras, “Polêmicas acerca do debate intelectual: compromisso do escritor Luiz Ruffato em um país periférico”, busca discutir a linha tênue existente entre literatura e mercado para o escritor na era da globalização. Filgueiras analisa a maneira como o profissional da comunicação Luiz Ruffato enxerga o seu papel de intelectual brasileiro hoje e o engajamento político articulado ao discurso ficcional contemporâneo. Além da abordagem sobre a escrita de Bernardo Kucinski, com **K.: relato de uma busca** (2014), comparativamente ao texto “O ataque”, que integra o livro **Vista parcial da noite** (2016), no terceiro volume da série **Inferno provisório**. Nessa correlação entre Kucinski e Ruffato, enfatiza-se um posicionamento teórico e prático dos respectivos ficcionistas, no que tange aos problemas apontados em suas obras: a péssima administração pública de um Brasil carente dos bens primários tão necessários a uma vida digna para o cidadão, e a história da ditadura militar, reconfigurada por meio da ficção, bem os modos violentos de um poder que pretendia calar quem porventura manifestasse descontentamento contra ações da polícia nas décadas de 70 e 80.

Virgínia Filgueiras põe o interlocutor a par da “celeuma decorrente de sua apresentação (no caso Ruffato) na Feira do Livro de Frankfurt (2013), enquanto convidado orador” (FILGUEIRAS, 2016, p. 77), em diálogo com questões muito caras à história do Brasil, “como a implantação do regime ditatorial da época e suas desastrosas consequências”, vistas na escrita de Kucinski (FILGUEIRAS, 2016, p. 81). Contudo, entre um e o outro escritor engajado politicamente a professora Filgueiras nos convida à reflexão, replicando a pergunta de Ruffato: “[...] o que significa habitar essa região situada na periferia do mundo, escrever em português para leitores quase inexistentes, lutar enfim, todos os dias, para construir, em meio a adversidades, um sentido para a vida” (RUFFATO *apud* FILGUEIRAS, 2016, p. 78).

Paula Alves das Chagas, no artigo “Intelectuais de plantão: reflexões sobre a imagem intelectual do escritor contemporâneo na mídia”, aborda as relações entre literatura e mercado e as consequências do “alto

desenvolvimento tecnológico e a adaptação do fenômeno literário às mídias digitais [...]” (CHAGAS, 2016, p. 95). Com base no romance **Reprodução**, de Bernardo Carvalho, a articulista postula que esse escritor faz da arte também um modo de atuação intelectual, através da crítica aos excessos de informações que inebriam o personagem blogueiro, estudante da língua chinesa e reproduzidor de discursos provenientes da *internet*. Assim, Chagas defende que a obra de Carvalho “não abre espaço para leitores como o estudante de chinês de *Reprodução* que, em vez de refletir e desenvolver um pensamento sobre aquilo que lê, apenas absorve e reproduz informações e opiniões fortes” (2016, p. 106).

No texto “*Em liberdade: alterbiografia de um eu-escritor embargado*”, Juliana Garcia dos Santos da Silva, examina o romance **Em liberdade**, de Silviano Santiago. Em formato de diário, essa obra de ficção volta-se, via narrador-personagem Graciliano Ramos, contra o apagamento tirânico da memória da ditadura de Getúlio Vargas sobre os intelectuais no Brasil. Valendo-se de uma espécie de reapropriação da memória do escritor de **Memórias do cárcere**, após a saída da cadeia, a articulista argumenta que a obra retoma uma “avaliação sobre regimes autoritários, como aquele que o próprio (Graciliano Ramos) experimenta” (SILVA, 2016, p. 109). Nesse sentido, a escrita de Santiago estaria de fato denunciando a opressão do regime autoritário e seus efeitos sobre a arte e, mais especificamente, a literatura, tocando em pontos nevrálgicos da história que a ditadura pretendeu apagar: o autoritarismo, a dor, enfim, o silêncio.

Com o artigo “Da arte transformada em consumo: o olhar de Salman Rushdie sobre a globalização”, Shirley de S. G. Carreira encerra a coletânea analisando os romances **Fúria e O chão que ela pisa**. Valendo-se de um olhar para a história da Índia e do Paquistão, por meio de ações protagonizadas por Solanka, em **Fúria e O chão que ela pisa**, o músico Ormus Cama (envolto em triângulo amoroso com Vina Apsara e Rai Marchant), Shirley Carreira expõe, via discurso literário, a necessidade de adaptação do sujeito de hoje à mobilidade crescente no espaço\tempo da sociedade globalizada. No primeiro romance, a personagem Solanka beira a explosão agressiva, por ver seu trabalho – a boneca Little Brain - ultrapassar a fama pretendida pelo seu criador e atingir o *status* de celebridade, no segundo, o caso de Ormus Cama, acerca do sumiço da amada Vina no decorrer do terremoto no México, provoca no músico um vazio, de certa forma significativo, pois este associa o abalo sísmico às fissuras consequentes aos processos identitários do homem contemporâneo, como efeitos colaterais do processo de aceleração cultural.

Enfim, **Escritores, críticos e leitores fora do lugar**: contemporâneos na cena da globalização apresenta uma multiface da cena literária hodierna. Pois, no que tange ao empobrecimento do debate intelectual na contemporaneidade, cada capítulo-artigo conecta-se com os outros, tal qual um rizoma de sentidos, pela proximidade de ideias.